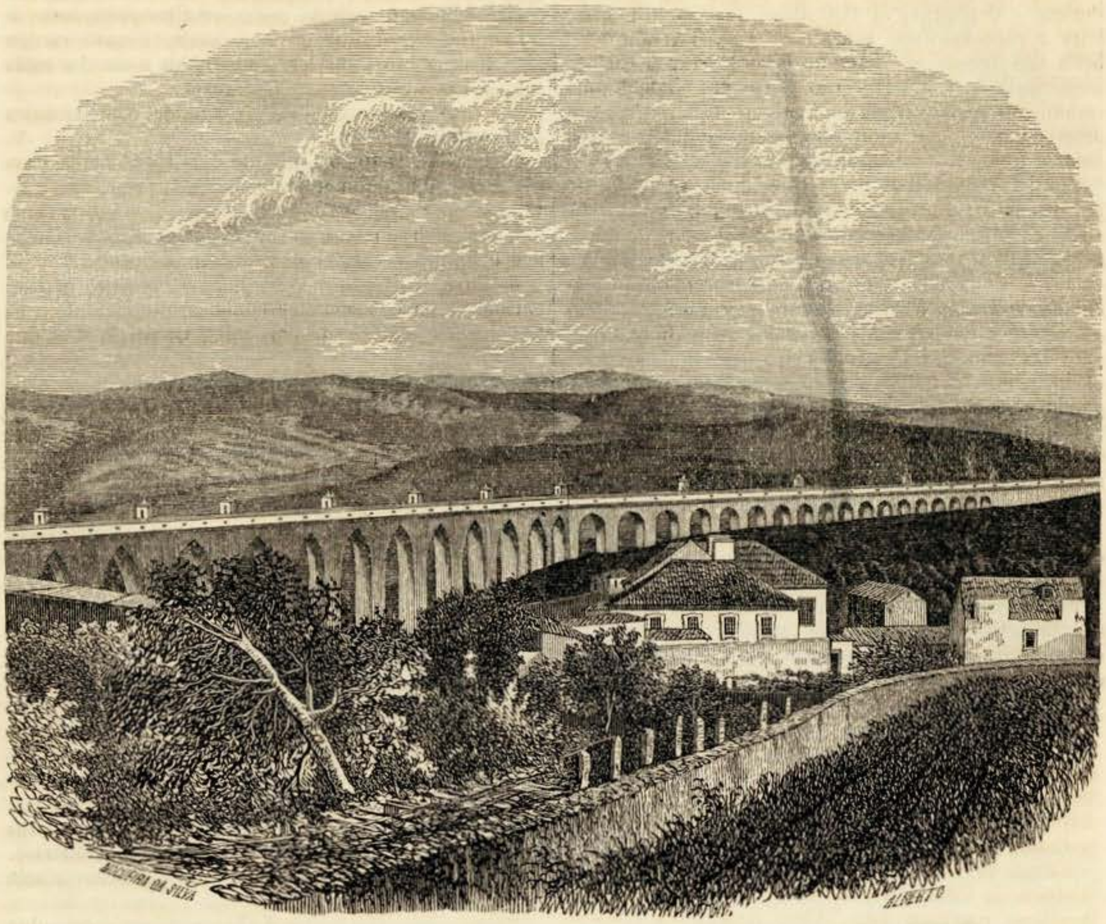


Arcos das Aguas-livres

Posto que o famoso aqueducto das Aguas-livres tenha em toda a sua extensão, que é de tres legoas, 127 arcos de reforçada cantaria, os que se consideram como obra prima de architectura são os 35 que atravessam a ribeira de Alcantara, cuja vista representa a gravura d'esta pagina. O maior, chamado por antonomasia o «arco grande» tem 77^{m},22 de altura, e 33^{m},36 de vão. Este arco é admirado por todos os estrangeiros que visitam aquelle monumento, e vem especialmente descripto como obra singular nas «Memorias da academia das sciencias de Paris» anno de 1772, e em muitas obras dos sabios e viajantes que tem vindo a Portugal.

Com ser tão agigantada a construcção d'estes arcos, é de tal solidez, que pelo terremoto de 1755 apenas tres dos seus dezeseis torreões, que servem de ventiladores, padeceram algum damno, mas tão pequeno que logo se reparou.

Do plano, começo e custo d'esta obra monumental já tratámos, com alguma extensão, a pag. 193 e 397 do v vol., servindo-nos de muito os preciosos documentos publicados pelo sr. Velloso de Andrade, ex-archivista da camara municipal de Lisboa. Agora acrescentaremos, que o aqueducto das Aguas-livres é em fórma de corredor ou mina artificial de 1^{m},54 de largura, e 2^{m},90 de altura. Tem ao meio um passeio de 66 centimetros, todo de finissimo lagedo; e de cada lado um encanamento de marmore com 33 centimetros de boca e 28 de alto, recebendo ambos 42 manilhas de agua.

O aqueducto geral, propriamente dito, tem 18^{k},423 de extensão. As minas de todas as nascentes, contando com a obra nova do sitio da Buraca, deitam a 10,^{k}510. E todos os aqueductos e minas de Lisboa e termo excedem a 43^{k},200 ou 7 legoas.

O risco d'esta grande obra, até ao monte chamado das Tres Cruzes, foi do brigadeiro Manuel da Maia; e d'ahi até Lisboa, do sargento-mór Custodio Vieira.

Importou em mais de 13 milhões de cruzados.

Agora que se está canalisando a cidade de Lisboa, para conduzir a agua ás casas particulares, não vem fóra de proposito darmos aqui noticia das tentativas que se tem feito para este fim.

A primeira companhia que se formou para o abastecimento das aguas em Lisboa foi no anno de 1823, por Vicente Sodré, a qual propunha levar a agua ás casas em pipas de 80 almudes, puxadas por bois, acompanhadas de dois homens que a distribuiriam por meio de baldes ou barris de 20 canadas, a preço de 20 réis.

O senado rejeitou esta proposta, com o fundamento de que a companhia vinha a ganhar n'esta especulação 250:000$000 rs. por anno; e não havia de poder bem servir o publico, deixando os aguadeiros ao desamparo!

Em 1845 appareceu outra companhia, representada

por Antonio Bacon, a qual propunha prover a cidade de toda a agua que necessitasse, por meio de canos que a conduzissem ás casas, dando-se-lhe tambem a empreza da illuminação de gaz. Esta companhia era ingleza, e depositava 50:000 libras, logo que lhe fosse feita a concessão das aguas e do gaz, devendo a tabella dos preços ser feita de accôrdo com a camara municipal, ou com o governo. A camara nomeou uma commissão de cinco vereadores para tratarem com o proponente. Houve muitas consultas e informações, mas, a final, não se resolveu o negocio.

Em 1847 formou-se outra companhia, representada por Francisco Martins, a qual propunha fazer á sua custa os tubos necessarios para 5:000 metros cubicos de agua para o consumo diario de Lisboa, trazendo á cidade a agua do rio de Alcantara por meio de machinas de vapor. Além d'isto estabeleceria *bornes fontaines* (bicas) em toda a parte que fosse necessario, para lavagem das ruas e serviço das bombas contra os incendios. E tambem tanques para lavadeiras, pagando ellas 20 réis por dia.

Pedia privilegio por 30 annos; e de cada almude de agua que fornecesse ás casas 10 réis, e equivalentes a 15 por barril de aguadeiro.

Tambem esta proposta não teve seguimento.

Em 1849 fez Duarte Cardoso de Sá uma proposta egual á de Antonio Bacon, que tambem não foi acceita.

Finalmente, em 1858 fez-se o contrato definitivo com a actual companhia das aguas, cujos trabalhos estão muito adiantados, e este anno ha de começar o fornecimento pelas casas particulares.

CHRONICAS DO POVO

III

O PASTOR

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Vid. pag. 36)

Havia n'essa occasião grande festa no castello do senhor de Forville, que depois de ter servido logares muito consideraveis, com os quaes duplicára a sua riqueza, vivia n'uma opulencia de principe, sem ter cuidados de maior, a não ser o de transformar a vida *n'uma estrada agradavel para o paraiso.*

Remy, que tinha sido recommendado ao intendente do castello pela fidalga, vestiu um trajo com as côres do senhor de Forville, e desceu á sala grande em companhia dos outros rapazes do castello.

Tinham posto uma mesa de sessenta pés de comprimento, maravilhosamente guarnecida; nas duas extremidades erguiam-se edificios de madeira, um dos quaes representava o Parnaso com o deus Apollo e as Musas; e o outro um inferno, onde alguns demonios pareciam estar assando os condemnados. No meio da mesa estava um immenso pastel rodeado de musicos, os quaes apenas chegaram os commensaes entraram a tocar uma symphonia encantadora.

Sentaram-se todos. Havia para cada convidado um prato, uma escudella de prata, um ramalhete de flores da primavera, e um d'aquelles pequenos forcados ou garfos cujo uso se introduzíra, havia pouco, nas casas dos fidalgos. Não serviam pão que não tivesse essencia de anis, nem vinho que não fosse temperado com substancias aromaticas. Os convidados comeram do primeiro serviço ao som dos instrumentos; apenas porém este acabou, abriram os diabos de repente as portas ao seu inferno, e entraram a tirar das suas fornalhas muitas gallinhas assadas e massas, que foram distribuidas ainda a fumarem, pelas pessoas presentes.

Finalmente, quando foi á sobremesa, Apollo e as Musas levantaram-se, espargindo em roda aguas de cheiro, que iam caindo como orvalho perfumado, e um normando disfarçado em cavallo Pégaso cantou uma bacchanal da sua terra, attribuida a um dos mais notaveis menestreis contemporaneos.

Os convivas applaudiram o cantor com grandes transportes.

— Por S. Bartholomeu, isto é que se chama uma canção! — exclamou um rechonchudo prior, que estivera sempre a encher o prato e a vasar o copo: — se todos fossem do parecer de *Pegasius* não veriamos nós a França no poder dos homens de armas.

— De facto, replicou o senhor de Forville, não sei porque se ha de combater tão encarniçadamente contra os inglezes e os de Borgonha, visto serem os que podem mais.

— E que não nos impedem que cobremos os dizimos, acrescentou o prior.

— A gente que nada tem de seu é a que gosta de guerra, disse um opulento beneficiado.

— Como se na verdade lhes importasse muito ser francez ou outra qualquer coisa.

— E como se em todo o caso não pertencessem sempre á grande nação dos miseraveis.

— Que a peste mate esses furiosos!

— Deus disse: Paz aos homens de boa vontade.

— Quer dizer que são aquelles que almoçam, jantam e ceiam.

— Sem se esquecerem do *Benedicite.*

— Nem das especiarias.

Acabava-se effectivamente de servir as especiarias com grande satisfação das senhoras, que tinham comido sómente das massas; e em seguimento os pagens trouxeram umas caçoilas cheias de perfumes, para que os convidados podessem expor aos vapores embalsamados os cabellos, as mãos e os vestuarios. Por ultimo levantaram-se todos para passarem á sala do baile.

Remy comeu dos restos do banquete em companhia dos criados, e quando ia a partir, mandou-lhe a castellã dar uma bolsa menos mal recheada, recommendando-lhe que se regalasse por sua intenção.

O presente valia mil vezes o que lhe dera a aldeã de Domremy, e a recommendação devia ser mais agradavel para o rapaz. Todavia conservou tres dinheiros, que lhe dera Joanna, e lembrou-se de preferencia do seu conselho. Era porque tambem fôra criado com essa tal gente, que não tinha nada de seu, a não ser a patria que queriam defender; e costumado de pequeno a preferir a sua raça á sua pessoa, repellia com toda a força do instincto o jugo estrangeiro, e queria conservar, embora fosse em troca da sua vida, o que n'esse tempo constituia a nação, e que vinha a ser: o rei, a bandeira e os santos padroeiros de França.

II

Chegando á Champagne comprehendeu Remy, que se aproximava do campo de batalha, onde se estava decidindo a sorte do reino. Todas as cidades estavam em estado de defesa; as aldeias guarnecidas de camponezes armados, e as estradas cobertas de homens de armas ou de archeiros francos. Encontrou até, proximo a Vassy, um parque de artilheria composto de peças pequenas, e de duas colubrinas de vinte e quatro pés de comprimento, com as quaes estavam fazendo exercicio, atirando ao mastro de um barco disposto a a meio do rio. Eram uns borgonhezes, que pertenciam á guarnição de Troyes.

Quando chegou ao convento teve de responder a um interrogatorio, antes de lhe permittirem a entrada. Mas

por fim sempre foram dar recado ao padre Cyrillo, que veiu ao locutorio. O padre Cyrillo exercia no convento funcções que seriam proclamadas como incompativeis n'outra qualquer parte. Era ao mesmo tempo, medico, astrologo, cirurgião, e até no modo de pensar de alguns frades mais ignorantes, um tanto feiticeiro. Apresentou-se a Remy com o habito arregaçado, com os oculos no nariz, e na mão uma d'aquellas retortas de vidro de que se serviam os philosophos hermeticos para as suas experiencias.

O rapaz, que ouvíra fallar em termos assustadores da sciencia de fr. Cyrillo, ficou espantado com aquelle aspecto extraordinario, e emmudeceu. O frade perguntou-lhe com azafamada impaciencia:

— O que é, o que aconteceu, disseram-me que estava aqui alguem que me desejava fallar?

— Era eu, meu reverendo, murmurou Remy a meia voz.

— Muito bem, replicou o reverendo, cujos olhos se dirigiram para a retorta, e vens, segundo penso, da parte de um parente?

— De Jeronymo Pastouret.

— É isso... um primo... honrado homem, por tal signal, e como está elle de saude, o primo Pastouret?

— Morreu!

O frade levantou sacudidamente a cabeça e puxou os oculos para cima.

— Morreu, repetiu elle, Jeronymo morreu?

— Ha um mez.

— Muito bem, repetiu Cyrillo, para quem esta exclamação servia de expressar ordinariamente uma contrariedade ou um pezar; e de que morreu?

— Não sei, disse o rapaz, cuja voz perdêra com esta lembrança a habitual firmeza, deitou-se uma noite queixando-se de dor no lado, no dia seguinte padecia mais ainda, e no seguinte mandou-me chamar um padre.

— Era um medico que devia mandar chamar, interrompeu fr. Cyrillo... isto é, em companhia do padre. Dor no lado, com tosse e suffocação, naturalmente... *Phlebotomia est*... E não lhe fizeram coisa nenhuma?

— Muito bem, disse o religioso com signaes de pena... E... morreu?

— N'essa mesma noite, replicou Remy, que sustinha as lagrimas difficilmente.

Fr. Cyrillo fez um gesto de despeito.

— Muito bem, muito bem, continuou, dando alguns passos no locutorio; é por conseguinte debalde que a sciencia faz progressos novos todos os dias: a ignorancia do vulgo inutilisa-os... *Servum pecus*. Bastava sangrar no braço esquerdo, como se sangra no dedo auricular na febre quartã, e em o nariz nas molestias de pelle. Jeronymo morreu por sua culpa, só por sua culpa, e é responsavel pela sua morte perante Deus. Tinha levantado a voz; reparou porém de repente na commoção de Remy e deteve-se.

— Ah!.. muito bem, murmurou a meia voz. De mais, o que estou para aqui dizendo já não aproveita nada... Tu naturalmente és filho do defuncto.

O rapaz fez um signal approvativo.

— E quem te disse que viesses ter commigo?

— Meu pae mesmo. Quando estava para dar contas a Deus, pediu ao confessor que o estava confessando, que escrevesse o que quer que era n'um pergaminho, que me determinou vos trouxesse, logo que elle não existisse.

— E trouxeste-o?

Remy tirou da escarcella um rôlo cuidadosamente atado e sellado com lacre preto, que apresentou ao frade. Este rasgou os atilhos, desenrolou o pergaminho, e leu de rijo o que se segue.

«Eu, Jeronymo Pastouret, creador de cabras em Pierrefite, sentindo-me proximo a comparecer perante Deus, julgo dever revelar um segredo, do qual póde depender o futuro da criança que eu adoptei com o nome de Remy.»

O rapaz admirado levantou a cabeça.

«Declaro pois, continuou o padre lendo, perante Deus e perante as suas creaturas, que esta criança me foi entregue por um chefe de bohemios chamado o rei Horsu, e que por conseguinte não é meu filho.»

Um grito que soltára Remy interrompeu fr. Cyrillo.

— Que estaes dizendo?—balbuciou elle fóra de si.

— Pela minha alma é isto mesmo que aqui está, disse-lhe o frade mostrando-lhe o pergaminho.

O rapaz agarrou-lhe com ambas as mãos, olhou para elle e releu estas palavras: «Não és meu filho.»

Recuou, unindo as mãos.

— É possivel? murmurou... O que eu suppunha meu pae?... Mas então quem vem a ser minha familia?

— Escuta, disse Cyrillo.

E continuou.

«O rei Horsu tinha-o roubado ainda pequeno em Paris, para lhe tirar as joias que trazia; mas não pude fazer com que me dissesse o nome dos paes.»

Remy fez um movimento desabrido.

«O que eu pude saber d'elle, proseguiu o religioso, foi que o rapto tivera logar no adro da egreja de Nossa Senhora, n'um domingo do Espirito Santo.»

«Occultei-lhe o seu nascimento, durante a minha vida, porque receei que Remy me retirasse a sua affeição sabendo que eu não era seu pae; agora porém devo-lhe confessar tudo para desencargo de consciencia.»

«E já que sou tão pobre, que não posso deixar coisa nenhuma áquelle que amei como a meu filho, envio-o com esta declaração ao meu sabio primo fr. Cyrillo, a fim de que este lhe sirva de auxiliar e conselheiro.»

Houve uma pausa depois d'esta leitura. O religioso, commovido, mau grado seu, fingia que tossia para occultar a sua commoção, em quanto que Remy, como fóra de si, olhava para o pergaminho sem poder fallar. Havia na sua perturbação pasmo, dor e enternecimento. Sabendo que o cabreiro que o educára não era seu pae, pareceu-lhe que o perdia segunda vez; depois o receio expresso pelo moribundo acudiu-lhe ao coração, e deixando correr livremente as suas lagrimas, exclamou, como se Jeronymo o podesse ouvir:

— Não, meu pae, não deixo de vos amar como até agora por saber que vos não devo a vida: o que me recolheu, quando era criança, e que me procurou protector, agora que ia ficar ao desamparo, ha de ser sempre para mim como um pae.

O frade approvou estes sentimentos, mas fez diligencias para socegar a exaltação do mancebo. Declarou, que acceitava o legado de seu primo, e que serviria a Remy de pae e tutor.

Apresentou-o por conseguinte ao prior, o qual declarou que de bom grado o deixaria estar no convento, com tanto que vestisse habito de noviço.

Fr. Cyrillo declarára primeiro, que ia proceder a indagações para descobrir a familia do seu protegido; mas quasi em seguida reconheceu a impossibilidade de o conseguir. As estradas estavam interceptadas por bandos armados, as relações de cidade para cidade interrompidas; era com difficuldade que os correios do rei mesmo levavam os despachos de uma provincia para a outra, e gastavam ás vezes mais de um mez, para irem de Chinon, onde estava então a côrte, a Champagne ou a Lorena. Não teve pois outro remedio senão adiar as suas investigações para occasião mais opportuna.

Entretanto fr. Cyrillo foi cuidando na educação do seu novo pupillo. Como já dissemos, o frade de Vassy

reunia toda a sciencia que se adquiria n'aquella epocha; mas aquelle cerebro parecia-se com as bibliothecas sem catalogo, e nas quaes tudo está fóra de ordem.

Os conhecimentos cirurgicos estavam confundidos com os principios de astrologia judiciaria. Pretendeu instruir Remy, como se estivesse a semear um prado misturando sementes de todas as qualidades. O rapaz sabia só ler e escrever, e metteu-lhe nas mãos vinte tratados differentes: as *Doutrinaes*, os *Florilegios*, as *Cornucopias*, e a *Verdadeira arte da plena Rhetorica*. Ao mesmo tempo ensinava-lhe as propriedades psycologicas e medicas das differentes substancias que lhe dava a conhecer; dizia-lhe como era que na opinião dos antigos auctores as amethistas davam sobriedade, as granadas alegria; como as saphyras livravam da perda dos bens temporaes, e as agathas da mordedura das serpentes. Ia-o costumando tambem a distillar aguas de hervas que serviam para combater a maior parte das doenças; explicava-lhe tambem como depois da descoberta feita por um sabio, de que: *os espiritos vitaes eram da mesma natureza do ether em que os astros se movem*, podiam os alchimistas recolher em frascos provisão dos taes espiritos, que davam depois a cheirar aos valetudinarios. Fazia-lhe em fim conhecer a influencia da lua no corpo humano, e o perigo das doenças que começavam quando este astro entrava no signo dos Gemeos.

Remy conservava muitas d'estas coisas, porque era um espirito claro e attento; mas a sua vocação levava-o incontestavelmente para outro lado. Safava-se todos os dias do laboratorio de fr. Cyrillo para ir ter com o senhor de Hapcourt, o qual, pouco versado nas letras e nas sciencias, do que se gabava até, applicára-se particularmente á arte por excellencia, a arte da guerra.

O sr. de Hapcourt, tendo ficado sem recursos e coberto de feridas, depois de ter passado quarenta annos com a sáia de malha vestida, fóra recolhido pelos frades na qualidade de *oblato*.

Os soldados velhos sem asylo, que certos conventos recolhiam com este titulo, eram sustentados á custa da communidade, sem terem outras obrigações além de assistirem aos officios, e seguirem as procissões de espada ao lado.

O oblato de Vassy, que fôra grande batalhador nos seus tempos, comprazia-se em desenvolver os instinctos guerreiros de Remy. Emprestava-lhe o seu velho cavallo, dava-lhe um pau cortado no bosque proximo, e ensinava-lhe a empregal-o ora como lança, ora como espada, ora como hacha de armas. Depois mandava-o apear e ensinava-lhe a combater de longe, de perto, e corpo a corpo. Aos frades agradavam estes exercicios, que a muitos faziam recordar os seus primeiros annos; mas o padre Cyrillo indignava-se com este roubo feito ao estudo de sciencias mais nobres.

— Muito bem, exclamava elle, de cada vez que apanhava Remy recebendo lições do oblato, queria fazel-o doutor, e o sr. de Hapcourt vae-o fazendo soldado.

— Isto é bom para a saude, meu reverendo, e para lhe auxiliar a digestão, dizia o velho fidalgo sorrindo-se.

Fr. Cyrillo encolhia os hombros e respondia desabridamente:

— Sabeis porventura lá o que é a digestão? Ha quatro. A do estomago, a do figado, a das veias, a dos membros, e o exercicio é prejudicial ás tres primeiras. Mas vós viveis sem saber como. Servis-vos do vosso corpo sem o conhecer. *Ignarus periculum adit*. Continuae, continuae; a sciencia é dama de alta condição e sobremodo altiva, não se importa com quem a não respeita.

Entretanto, apesar d'estes ligeiros descontentamentos, o frade affeiçoava-se cada vez mais a Remy. Salvas as relações com o oblato, nada tinha que lhe censurar. Era um espirito recto, uma imaginação ardente, mas temperada pelo sentimento do dever, um coração accessivel a todos os sentimentos generosos. A rude educação do trabalho e da pobreza tinha juntado a estas qualidades naturaes a audacia que emprehende e a paciencia que persevera. Remy tinha na sua pessoa a confiança que dá uma vontade firme. Humilde e submisso para os que amava, era altivo e inflexivel perante quem quer que fosse que pretendesse desconhecer os seus direitos; era n'uma palavra d'aquellas naturezas energicas e ternas, tão proprias para a vida socegada como para as provas difficeis. Por isso o padre o tinha adoptado de coração. E como não podesse encetar as indagações para lhe descobrir a familia, queria ao menos tirar-lhe o horóscopo.

A astrologia não era considerada no seculo XV como um ramo da magia, mas como uma sciencia positiva derivando da cosmographia. Examinava-se o planeta sob a influencia do qual o individuo nascêra, e conforme este planeta estava, em referencia ao signo do zodiaco de que dependia, em conjuncção, ou em opposição, a uma certa distancia acima ou abaixo, assim se calculava o futuro da pessoa por amor de quem se fazia a observação. Havia depois relações estabelecidas entre as doze casas do sol e certas partes do corpo humano, ou certos actos da vida. Tudo isto estava sujeito a regras mathematicas; bastava saber fazer o thema de um destino, para o prophetisar com tanta certeza como se se tratasse da apparição de um cometa. Tambem havia em todas as cidades importantes astrologos de profissão, que exerciam publicamente o seu mister. Os reis e os grandes senhores tambem os costumavam ter nos seus palacios.

Fr. Cyrillo fez o thema de Remy com todo o cuidado. Achou que a sorte do rapaz soffreria uma modificação importante, quando a lua estivesse em conjuncção com os peixes, e que o signo da Virgem e o planeta Marte lhe seriam favoraveis; tinha porém tudo a recear do signo do Touro, e o momento decisivo da sua vida havia de chegar quando o planeta se achasse em *exaltação*, isto é, por cima do zodiaco.

(Continúa)

EGREJA DAS CHAGAS

Correndo o anno de 1493, instituiu fr. Diogo de Lisboa, religioso trino, no seu convento da Santissima Trindade d'esta côrte, uma confraria intitulada das *Chagas de Jesus*, e composta de maritimos que andavam na carreira da India, e das outras nossas possessões de além mar.

Rica pelas muitas esmolas de seus numerosos irmãos, floreceu por largos annos esta confraria sob a protecção do instituidor, que por suas letras e virtudes occupou na ordem os cargos de ministro do convento de Lisboa, e de provincial.

Suscitando-se, porém, desintelligencias entre os frades e a irmandade das Chagas, resolveu fr. Diogo fazer edificar egreja propria para a dita confraria.

Escolheu-se para esta fundação o alto do monte sobranceiro ao Tejo, e visinho do outro chamado do *Pico*, ou *Belveder*, onde mais tarde se erigiu a egreja parochial de Santa Catharina por devoção da rainha d'este nome, mulher del-rei D. João III. [1]

Caminhou ligeira a obra, porque o zeloso e activo trinitario não descançou em quanto a não viu concluida, dizendo a primeira missa em o novo templo no dia 30 de novembro de 1542.

Pelos muitos creditos que tinha em Roma, alcançou

[1] Foi erecto este templo em 1557, e dois annos depois instituida a parochia.

o fundador uma bulla do papa Paulo III, concedendo á egreja das Chagas as honras de parochia, com permissão de administrar todos os sacramentos aos maritimos, e dando faculdade á irmandade para nomear capellão, e ter contiguo um hospital para os feridos e enfermos das armadas.

Entre outros privilegios mais concedidos pelo mesmo pontifice, e confirmados por bulla de Urbano VIII, de 23 de outubro de 1623, mencionaremos um muito honorifico, que foi ser annexada a egreja das Chagas á basilica lateranense de Roma, com isempção do ordinario, segundo as disposições do concilio tridentino.

Fez-se com grande pompa a trasladação da confraria, saindo esta em procissão com mui ricos andores, e musicas, da egreja da Trindade para a das Chagas, no dia e anno acima referidos. Para que se julgue do esplendor d'esta solemnidade, e da importancia e grandeza da confraria, diremos que contava n'esse tempo, e levava n'aquella procissão uns oitocentos irmãos.

Não sobresaía a egreja das Chagas em sumptuosidade de construcção, nem em bellezas de architectura, mas sim na riqueza das alfaias e paramentos. Com



Egreja das Chagas

as offerendas que continuamente lhe faziam os navegadores, com especialidade da India e do Brasil, foi adquirindo muitas e custosas peças de prata, e paramentos bordados e franjados de oiro com extremada perfeição.

Succedeu, porém, o terremoto do 1.º de novembro de 1755, e perdeu-se quasi tudo isto. A egreja arruinou-se aos primeiros abalos, e depois ateou-se n'ella o fogo, que a reduziu a cinzas. Apenas se salvou alguma pouca prata, e quatro imagens santas.

Foi estabelecer-se provisoriamente a confraria na capella da quinta Nova, a Sete Rios, propriedade então de Bento Gonçalves Forte. Conservou-se ahi até junho de 1756, em que se passou para uma ermida, que mandára construir de madeira no sitio dos Cardaes, na Cotovia, em quanto se procedia á reedificação do seu antigo templo. Assim que este se concluiu, voltou para elle.

A egreja das Chagas está no districto da parochia da Encarnação. Como se ajuizará á vista da gravura que apresentâmos, é um templo de modesta architectura no exterior, mas bem ornado interiormente, posto que com singeleza, e sobre tudo notavel pelo seu muito aceio. Os seus rendimentos estão hoje mui cerceados, porque a irmandade das Chagas de Jesus já não é numerosa, como outr'ora, nem dispende tanto com o culto divino. Todavia fazem-se n'ella os officios regulares, e algumas festividades com bastante decencia.

Possue esta egreja o corpo de Santo Urbano, que d'antes se achava depositado na capella da casa visinha, de que é proprietario o sr. Casal Ribeiro, e que este cavalheiro fez transferir, ha alguns annos, para aquelle templo.

A egreja tem o frontispicio voltado para oeste. Como está edificada na crista do monte, o seu adro é pequeno, porém mui lindo pelas arvores que o assombram para o lado do sul, e principalmente pelo delicioso painel que os olhos d'alli relanceiam. A cidade, descendo por valles e subindo por encostas até Belem; o Tejo espraiando-se magestosamente, como um golfo, até se ir confundir com o Oceano por entre as fortalezas que lhe defendem a foz; os montes de além com suas quintas e povoações guarnecendo-lhes as faldas, ou surgindo das quebradas, ou coroando-lhes as alturas, e mais longe a serrania da Arrabida; tal é esse painel encantador.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PAÇOS DOS ESTÁOS, PAÇOS DA INQUISIÇÃO, PALACIO DA REGENCIA E DO THESOURO, THEATRO DE D. MARIA II

(Vid. pag. 33)

Tinha-se completado um anno depois que ardêra o palacio do thesouro, sem se tomar resolução para que desapparecesse aquelle tristre aspecto de ruinas da segunda praça da capital, então já ennobrecida com o glorioso nome de *D. Pedro*.

Em agosto de 1837 pediu a camara municipal ao governo que lhe vendesse o palacio incendiado para edificar ahi os paços do concelho com a grandeza que exigia uma capital como é Lisboa.

Foi deferido o requerimento da camara. O governo vendeu-lhe o edificio, encontrando-se o preço da venda na avultada quantia por que a mesma camara era credora ao thesouro publico.

Foi auctorisado por lei das cortes um emprestimo de 40 contos, que se devia fazer no banco de Lisboa, para a construcção dos referidos paços. Fez-se e approvou-se o risco, e deu-se principio á demolição dos dois corpos do palacio queimado, que se estendiam para o lado de oeste do corpo principal, em cujo terreno se ordenára por um decreto, que se fizesse o *largo de Camões*.

Em 1840 estava concluida a demolição, e só restava de pé a parte do palacio, que se vê representada na gravura que publicámos a pag. 37. Porém a esse tempo tinha a camara mudado de accordo. Vendo os encargos e necessidade do municipio a augmentarem de dia para dia, e a divida do governo aos cofres da camara sempre a crescer, primeiro hesitou, e depois desistiu de emprehender a obra grandiosa que projectára.

Andavam então mais afervoradas que nunca as diligencias para dotar Lisboa com um theatro, que nos livrasse da vergonha de termos o da *Rua dos Condes* por primeiro theatro nacional.

Datam aquellas diligencias do anno de 1836, e pertencem as honras da iniciativa ao sr. Joaquim Larcher, n'essa epocha governador civil de Lisboa. O sr. Larcher apresentou ao governo um plano e proposta de meios, bem como os exames de diversas localidades, mais ou menos apropriadas á construcção.

Os acontecimentos politicos de setembro d'esse anno transtornaram esta primeira tentativa. Porém o novo governo, por portaria de 28 do dito mez e anno, commetteu este negocio a Almeida Garrett, entregando-lhe todos os papeis que lhe diziam respeito.

O illustre poeta, comprehendendo que não bastava para honra d'esta terra a fundação de um theatro, ficando a arte dramatica na decadencia em que se achava, cuidou da creação simultanea do edificio material e moral. Assim pois, ao mesmo tempo que offereceu um projecto para se levar a effeito a construcção do theatro, propoz a instituição do conservatorio real de Lisboa, e da inspecção geral dos theatros.

A primeira parte do seu plano naufragou tambem, como a tentativa do sr. Larcher, em difficuldades que não se poderam vencer. Porém realisou-se a segunda parte, e por este meio se inaugurou a restauração da arte e da litteratura dramatica.

Durante esses mallogrados esforços, chegou a resolver-se que se edificaria o theatro no local do dito palacio incendiado: e o architecto Chiari fez a planta e orçamento da obra. Como o maior obstaculo á empreza era a escassez do dinheiro, o artista apresentou um risco muito economico, pois que orçou a execução em vinte e quatro contos de réis. Pensou-se em obter esta quantia de alguns capitalistas, e, não podendo ser, por meio de mais numerosa companhia de accionistas.

Tal era então o estado do paiz pelas nossas discordias internas, que não foi possivel levar por diante este projecto.

Passado pouco tempo, persistindo os mesmos esforços, foi nomeada uma commissão para promover a organisação de uma companhia para a edificação do theatro.

Chegando a subscripção dos accionistas a 30:700$ réis, e tratando-se de examinar para a fundação do edificio a cerca do convento de S. Francisco, hoje transformada em grandes predios, pois que a esse tempo tinha o governo vendido á camara o palacio do Rocio, como acima dissemos, appareceram tão diversas opiniões, e taes contrariedades a respeito d'aquelle e de outros locaes, além de varias difficuldades para a organisação definitiva da companhia, que esfriou o fervor, e pararam de novo as diligencias para a tão desejada fundação.

Corria então em meio o anno de 1839. O sr. conde do Farrobo, cujo amor pelas artes, e com especialidade pela dramatica, é de todos bem conhecido, doendo-lhe ver tanto empenho baldado, resolveu fazer um esforço supremo em assumpto que tanto interessava a cidade e a arte.

Offereceu-se, portanto, o sr. conde do Farrobo a levantar o theatro sem auxilio estranho, mediante certas condições. Mas, apesar d'isso, ainda d'esta vez não foi a obra por diante. Recresceram as duvidas e contrariedades, e tudo ficou como d'antes.

Passado algum tempo sem se tentar coisa alguma, Almeida Garrett metteu novamente hombros á empreza. Sendo deputado, apresentou um projecto, que foi convertido na lei de 6 de novembro de 1840, que mandava construir um theatro nacional. O governo devia dar o terreno e parte dos materiaes, e as mais despezas de construcção seriam feitas por uma companhia, que a mesma lei mandava crear, estabelecendo o modo por que se amortisaria o seu capital, a fim de que o edificio ficasse propriedade nacional.

Nomeou o governo uma commissão encarregada de promover a formação da companhia, e de cuidar da edificação do theatro. Decidiu-se logo que o novo monumento ornaria a praça de D. Pedro. Depois de examinado por peritos o terreno occupado pelos restos do antigo palacio da inquisição, foi este comprado á camara municipal pela quantia de dez contos, abrindo-se ao mesmo tempo concurso para o risco.

Apresentaram-se seis desenhos; mas como era necessario escolher um, surgiram as duvidas, após d'ellas a irresolução, e no fim de tudo, segundo o nosso costume tradicional, dormiu-se sobre o negocio.

E foi somno que durou até abril de 1841.

Succedeu então, que os caixas geraes do contrato do tabaco, que n'essa epocha eram emprezarios do theatro de S. Carlos, por condição expressa no contrato, desejando livrarem-se de um tal encargo, que além de grandes prejuizos lhes causava continuados desgostos, offereceram quarenta contos para as obras do theatro nacional, se os dispensassem d'aquella empreza.

Sobre esta proposta o sr. Larcher, que se achava vice-presidente do conservatorio real de Lisboa, e inspector geral dos theatros, fez um novo projecto para a fundação do theatro nacional, e conseguiu que fosse approvado pelo governo.

Approvou-se tambem logo em seguida o risco feito pelo architecto italiano, Fortunato Lodi, não obstante a opposição que fizeram alguns dos nossos artistas e escriptores, querendo que o monumento fosse em tudo portuguez.

Foi pois dissolvida a primeira commissão, e creada outra para superintender na obra, composta do sr. Larcher, do inspector geral das obras publicas, e de Jacintho José Dias de Carvalho, thesoureiro.

Começaram finalmente os trabalhos em 7 de julho de 1842 pela demolição da parte que restava do palacio queimado. Em novembro d'esse anno lançou-se a primeira pedra do novo edificio.

Não estando o theatro ainda acabado, houve n'elle uma representação em a noite de 29 de outubro de 1845 para solemnisar o anniversario natalicio del-rei, o sr. D. Fernando.

Realisou-se a inauguração em 13 de abril de 1846, dia em que se festejavam os annos da rainha, a sra. D. Maria II [1], a quem o theatro foi dedicado, recebendo então por um decreto real o augusto nome da primeira soberana constitucional dos portuguezes.

Foi uma funcção de muito esplendor e regozijo, tanto pelo assumpto do dia que se celebrava, como pela realisação de uma obra tão necessaria e appetecida, quão contrariada, dando a tudo isto realce a magnificencia do edificio e a riqueza e bom gosto das decorações da sala do espectaculo.

Representou-se n'essa noite pela primeira vez o drama original de historia portugueza, intitulado: *Alvaro Gonçalves, o Magriço, ou os doze de Inglaterra*, approvado e premiado pelo conservatorio no concurso dos dramas para a inauguração do theatro.

As estatuas que decoram a frente principal foram collocadas em 1847.

Toda a despeza d'esta construcção correu por conta do estado, exceptuando os quarenta contos dados pelos contractadores do tabaco. Se se incluir n'aquella despeza o valor dos materiaes que se aproveitaram do palacio incendiado, e de outros que vieram de varios edificios anteriormente demolidos, e bem assim as sommas gastas nas decorações interiores, no scenario, moveis, guarda-roupa, etc., o custo do theatro não foi inferior a 400 contos de réis.

Quem attender ás circunstancias mesquinhas do thesouro publico, e mais ainda a um nosso habito pessimo, tão antigo e inveterado, que se póde chamar, e é um defeito nacional, o de projectar e começar grandes emprezas para as deixar em meio; quem considerar bem n'isto tem muito de que se admirar, vendo principiar e acabar no espaço de quatro annos uma obra tão grandiosa e de tanto custo. Entre nós é um milagre da perseverança, pois se se percorrer o paiz, ver-se-hão quasi todos os nossos grandes monumentos carecendo de remate, até aquelles que se ergueram nas eras mais afortunadas de Portugal.

Pede a justiça que se dê o galardão d'esse milagre ao ministerio que então governava o paiz, e com especialidade ao sr. conde de Thomar, que era o ministro do reino e presidente do conselho, que assistiu á collocação da pedra fundamental e á inauguração solemne do theatro.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Por causa das solemnidades da semana santa foram transferidos do dia 4 para o dia 13 os festejos pelos annos de sua magestade.

POESIA BRASILEIRA

O inaudito attentado que o ex-ministro da Gran-Bretanha, na corte do Rio de Janeiro, commetteu contra a bandeira d'aquelle imperio, não só excitou os brios patrioticos de todos os cidadãos brasileiros, offerecendo a flux as suas pessoas e bens para desaffrontarem o pavilhão nacional, mas tambem inflammou o estro dos seus bardos, que, em ardentes estrophes, em canções bellicosas, incitaram os seus compatriotas a vingar o ultrage da nação.

Muitas foram as publicações que por todo o imperio se fizeram ácerca da questão anglo-brasileira, e nós fomos brindados com o opusculo poetico de que vamos dar amostra.

Intitula-se «O Estandarte Auriverde, cantos sobre a questão anglo-brasileira, por L. N. F. Varella.» Dizem-nos que o auctor é um mancebo, estudante, da provincia de S. Paulo, já conhecido e festejado por outras poesias que tem dado á luz.

Manifesta o sr. Varella não vulgar engenho poetico, valentia de expressão, e, sobre tudo, entranhavel amor da patria e da liberdade, sentimento que inspirou os seus melhores cantos, d'entre os quaes escolhemos os seguintes para o dar a conhecer aos nossos leitores.

CANTO DO SERTANEJO

Salve, ó florestas sombrias!
Salve, ó broncas penedias!
Onde as rijas ventanias
Murmuram fera canção.
Nas sombras d'este deserto,
Do norte ao rude concerto,
Sentado de Deus tão perto
Quem é que teme o bretão?

Cobre-se a selva de flores;
Brincam volateis cantores,
Bebendo os gratos odores
Que passam na viração;
Rugem cavernas frementes,
Silvam medonhas serpentes:
Bradam raivosas torrentes,
Quem é que teme o bretão?

Ah! correi, filhos das mattas,
Através das cataractas,
Entre suaves cantatas
Ao genio da solidão;
Cuspi nos dias escassos,
Rompei os imigos laços,
Não tendes dois fortes braços?
Quem é que teme o bretão?

Loucos! Nas fundas clareiras,
Aos urros das cachoeiras,
Nas brenhas das cordilheiras
Feia morte encontrarão!
Quem tem do ermo as grandezas,
As serras por fortalezas,
Não teme as loucas bravezas
Do temerario bretão!

D'aqui decide-se a sorte,
D'aqui troveja-se a morte,
D'aqui se extingue a cohorte
Que insulta a brava nação!...
Gritos das selvas, dos montes,
Dos matagaes e das fontes,
Retumbam nos horisontes:
Quem é que teme o bretão?

Salve, ó florestas sombrias!
Salve, ó broncas penedias!
Onde as rijas ventanias
Perpassam varrendo o chão;
N'este profundo deserto,
De negros antros coberto,
Sentado de Deus tão perto
Quem é que teme o bretão?

CANÇÃO

Nunca viste á madrugada,
De niveo manto através,
Uma lympha branca e pura,
Saltando da serra escura,
Qual um cabrito montez?

Em torno, tudo
São negras penhas,
Nevoas ligeiras,
Grutas e brenhas.
E o sol despeja,
Rasgando as brumas,
Torrentes de oiro
No véo de espumas.

Eis uma garça alvejante
Que abandona as cordilheiras,
E vae, molhada de orvalhos,
Perder-se nos molles galhos
De uma selva de palmeiras.

Assim murmura
De manhãsinha,
O viajante
Que além caminha,
Cravando os olhos
Na lympha pura,
Que se despenha
Da selva escura.

Nunca a viste?... Não importa;
Deixa os tristonhos palmares...
Vês agora esse gigante
Que se espreguiça arrogante
No leito immenso dos mares?

Em torno, tudo
São vozes, cantos,
Virgens florestas
De eternos mantos;
Plagas, savanas,
Montes sombrios,
Curvam-se humildes
Ao rei dos rios!

Salve! Amasonas soberbo!
Salve! das aguas Titão!
Teu povo brada arrogante:
— Quem vive ao pé de um gigante
Não tem receio ao bretão!

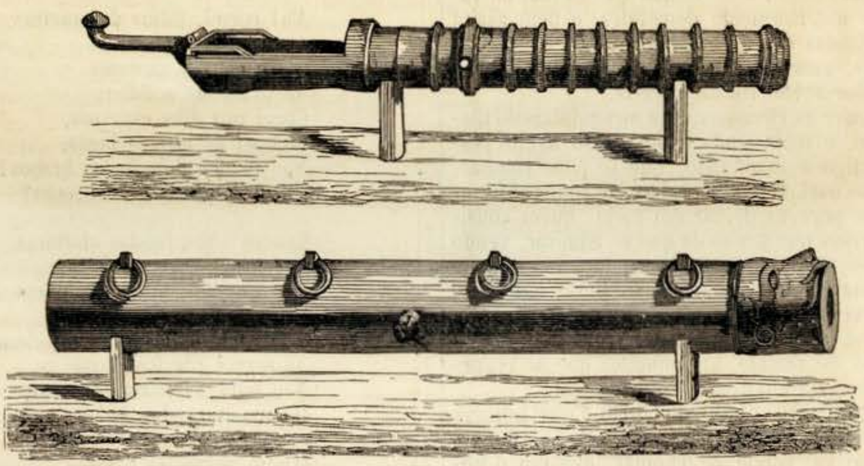
ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

50.º

DO USO DOS TERMOS FAMILIARES E PLEBEUS

Para corroborar a doutrina que estabelecêra sobre o uso dos termos plebeus, como vimos no artigo antecedente [1], adduz o sr. Castilho varios trechos de prosa e verso, de auctores abalisados que os empregaram sem escrupulo, porque o assumpto lh'os pedia.

O primeiro que cita é este do sr. A. Herculano, nas *Lendas e Narrativas:*



Artilheria antiga

«Muito mais que ha ahi *uns quidams*, cujo officio é *esmiuçar*, anatomisar e criticar os escriptos alheios, a que fazem os mais crueis processos verbaes que é possivel imaginar, não lhes escapando periodo nem linha, ponto nem virgula. Critica *rosnada* pelos cantos é a d'estes, similhante ao *bisbilhotar* da cozinheira com a criada da visinha, sobre os *talhos* que a ama deu ao *presunto*, ou sobre o mais ou menos acogulado da medida dos *feijões fradinhos*. É por isso que a taes criticos chamo eu verbaes; verbaes, por esses auctores d'ahi não poderem passar. *Coitados!* escreveriam vinte heresias se copiassem o padre-nosso. São os *alcaiotes* dos *lapsus linguæ*, os *mexeriqueiros* dos actos de memorias. No vento e com vento compõem; vivem de epigrammas *agudos como tranca;* morrem sem deixar vestigio. Litteratos *a barbas enxutas*, eruditos lendo *por baixo*, passam nas trevas como a coruja; mas bem como a coruja *roçando* as azas, que salpicou na alampada, pela alva toalha do altar, a deixa ennodoada, assim a pagina pura, afagada de tanto amor do artista, estudada com tão sincera consciencia, lá recebe, na tertulia de *parvos*, a *dedada* torpe e *sebenta* de um *chapadissimo tolo.*»

Cumpre notar aqui, para advertencia de principiantes, que n'esta e similhantes objurgatorias, em que se reprehende e deprime o adversario, é permittido o emprego de vocabulos que o vexem e ridiculisem, para o que tem gande valentia os termos e phrases do povo.

Os exemplos que se seguem, e não cabem n'este numero, são tambem de valor para este estudo.

ARTILHERIA ANTIGA

As duas peças de artilheria que estão aqui desenhadas são muito antigas; não tem data, e conservam-se no arsenal do exercito de Lisboa, sem que se saiba d'onde vieram, o que é para sentir, e mais um documento da falta de curiosidade que tinham os nossos antepassados, em nos transmittirem a origem de muitas antiguidades que hoje procurâmos em vão.

[1] Pag. 31.